



## **MUSICA POPULAR BRASILEIRA – 9º ANO**

### **Panorama da música do século XX**

A arte não é uma verdade em si, uma manifestação do belo apenas, mas algo que nos leva à reflexão e nos permite conhecer o mundo. Manifestação criadora, sim, e para alguns até de origem divina, mas manifestação dinâmica diante das condições cambiantes da história humana.

No início do século XX, duas grandes questões movimentaram a passagem do conceito de arte do século anterior para aquele. Essas questões permeiam ainda nossas ideias, discussões e atitudes para com as artes e, particularmente, para o que nos interessa neste texto, para com a música ou músicas do nosso tempo.

Dois grandes revoluções marcaram a passagem do século XIX para o XX. A primeira sucedeu no cerne da própria arte musical, na sua linguagem, por meio da quebra dos modelos tradicionais do fazer e do ouvir. Sem complacência para com o passado e buscando novas saídas para uma arte que deveria sempre estar em evolução, artistas modernistas ou modernos distanciaram-se da arte dos tempos anteriores, principalmente do passado mais próximo – o romantismo –, e passaram a enfatizar a necessidade de uma nova arte. Essa nova arte atendia aos desejos de um novo mundo – o das máquinas, das fábricas, da mecanização, das grandes cidades que surgiam com seus problemas. Além disso, destinava-se a um novo ser – diferente, mais consciente, torturado ou acomodado e que não deveria ser deixado pacificamente sentado fruindo arte. “A música” assumiu diferentes funções e aglutinou ideologias incompatíveis.

A música do século XX trouxe nova ampliação e maior experimentação com novos gêneros musicais e formas que desafiaram os dogmas de períodos anteriores. A invenção e disseminação dos instrumentos musicais eletrônicos e do sintetizador em meados do século revolucionaram a música popular e aceleraram o desenvolvimento de novas formas de música. Os sons de diferentes continentes começaram a se fundir de alguma forma. Modos mais rápidos de transporte permitiram aos músicos e fãs a viajar mais longe para apresentar ou ouvir.

### **MÚSICA POPULAR BRASILEIRA - (MPB)**

É espontânea e expressa o espírito nacional.

O artista cria dentro de seu ambiente sociocultural. Materializando o cotidiano e os mistérios da religião através do seu trabalho. Procura expressar sua história da vida, seus sonhos e anseios nos riscos, pinturas, esculturas e música.

A arte popular é produzida por artistas que não obedecem à regras estilísticas e apresentam um toque regional em suas obras. Foi sempre comprometida com o contexto social e suas tradições culturais.

Todo artista popular é antes de tudo um artista livre em sua inspiração. Ele constrói artefatos e músicas culturais que se relacionam diretamente com sua realidade social.

### **Origens da MPB**

Pode-se dizer que, a música popular brasileira se formou através da influência de várias tendências. Vejamos:

Portugal deu ao Brasil, portanto o sistema harmônico tonal, desconhecido dos índios e das primeiras danças europeias (a dança de roda infantil, o reisado e o bumba-meu-boi, entre elas). Além de ter trazido para cá os instrumentos que se transformaram em arquétipos da alma sonora brasileira: a flauta, o cavaquinho e o violão. E, não bastasse, trouxe o negro da África para cá, a partir de 1538 (ano do desembarque da primeira leva, em São Vicente, hoje São Paulo).

Com os negros, vieram novas danças (jongo, lundu, batuque e diversas outras) e, mais que tudo, a poliritmia que incorporou à música autóctone dos índios e às novidades lusitânia dos sons misturados do agogô, do ganzá, do agê e do xerê. Mas seriam os jesuítas, através dos esforços de catequese da Companhia de Jesus, que produziram o cenário das inter-influências, indispensáveis para que o Brasil tecesse ao longo dos séculos, um cardápio tão variado de arte musical, com textura e personalidade própria.

## Lundu e modinha

Nos séculos XVIII e XIX, destacava-se nas cidades, que estavam se desenvolvendo e aumentando demograficamente, dois ritmos musicais que marcaram a história da MPB: o lundu e a modinha. O lundu, de origem africana, possuía um forte caráter sensual e uma batida rítmica dançante. Já a modinha, de origem portuguesa, trazia a melancolia e falava de amor numa batida calma e erudita.



### Luar do Sertão – Catulo da Paixão Cearense

...Não há, ó gente, ó, não  
Luar como esse do sertão  
Não há, ó gente, ó, não  
Luar como esse do sertão  
Ó, que saudade do luar da minha terra

## Marchinhas de Carnaval



### Ô Abre Alas - Chiquinha Gonzaga

Ô Abre Alas,  
Que eu quero passar (2 X)  
Eu sou da Lira,  
Não posso negar (2 X)  
Ô Abre Alas,  
Que eu quero passar (2 X)  
Rosas de Ouro é quem vai ganhar (2 X)

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida como **Chiquinha Gonzaga** (Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1847 — 28 de fevereiro de 1935) foi uma compositora, pianista e regente brasileira.

Foi a primeira chorona, primeira pianista de choro, autora da primeira marcha carnavalesca (Ô Abre Alas, 1899) e também a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. No Passeio Público do Rio de Janeiro, há uma escultura em sua homenagem, obra do escultor Honório Peçanha.



### O Trenzinho do Caipira – Heitor Vila-Lobos

Lá vai o trem com o menino  
Lá vai a vida a rodar  
Lá vai ciranda e destino  
Cidade noite a girar  
Lá vai o trem sem destino  
Pro dia novo encontrar  
Correndo vai pela terra, vai pela serra, vai pelo  
mar  
Cantando pela serra do luar  
Correndo entre as estrelas a voar  
No ar, no ar, no ar...

Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 6 de março de 1887 – Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1959) foi um maestro e compositor brasileiro.

Destaca-se por ter sido o principal responsável pela descoberta de uma linguagem peculiarmente brasileira em música, sendo considerado o maior expoente da música do modernismo no Brasil, compondo obras que enaltecem o espírito nacionalista onde incorpora elementos das canções folclóricas, populares e indígenas.

**O Trenzinho do Caipira** é uma composição de Heitor Villa Lobos e parte integrante da peça Bachianas Brasileiras nº 2. A obra se caracteriza por imitar o movimento de uma locomotiva com os instrumentos da orquestra. A melodia recebeu letra composta por Ferreira Gullar.



## CHORO

O choro foi o recurso de que se utilizou o músico popular para executar, a seu modo, a música importada, que era consumida, a partir da metade do séc. XX, nos salões e bailes da alta sociedade. A música gerada sob o impulso criador e improvisatório dos chorões logo perdeu as características dos países de origem, adquirindo feição e caráter perfeitamente brasileiros, a ponto de se tornar impossível confundir uma Polka da Boêmia, um Schottische teuto-escocês ou uma valsa alemã ou francesa, com o respectivo similar brasileiro.

Esse propósito de nacionalização se manifestou não só no estilo interpretativo a que era submetida a música importada, mas também no sentido magoado, nostálgico e choroso das composições.



Pixinguinha



Donga

## SAMBA

Gênero musical e tipo de dança de origem afro-brasileira. De ritmo sincopado, o samba é tocado com instrumentos de percussão, tendo como base violões ou cavaquinhos. As letras falam da vida urbana ou casos de amor e geralmente são feitas em tom bem-humorado. Influencia movimentos da MPB, como a bossa nova, cuja primeira gravação é feita por uma das mais prestigiadas cantoras de samba, Elizeth Cardoso (1920-1990). Origem – A palavra samba vem de *semba*, idioma africano quimbundo, e significa umbigada, dança de roda na qual os participantes se tocam pela barriga. Era empregada como sinônimo de festa popular. O samba é derivado de danças de roda africanas, como o lundu, o jongo e sobretudo do maxixe, primeira dança brasileira genuína, criada por volta de 1875. Vindas da Bahia, seu erotismo escandaliza a alta sociedade do Rio de Janeiro no fim do século XIX. A primeira música registrada como samba é *Pelo Telefone* (1917), criada por um grupo de boêmios que se reuniam próximo à Praça Onze, no Rio de Janeiro. Ali era a casa da Tia Ciata, baiana considerada "mãe" do gênero. Composta pelo cronista Mauro de Almeida (1882-1956), Sinhô (1888-1930) e Donga (1889-1974), faz alusão à perseguição policial aos jogos de azar. O gênero espalha-se pelo Brasil e domina o carnaval. Sinhô, Ismael Silva (1905-1978) e Heitor dos Prazeres (1898-1966) destacam-se com suas composições. Nos anos 30 o samba passa a ser difundido regularmente pelas rádios e faz sucesso o ano inteiro.

Entre os maiores compositores e intérpretes estão:

**Noel Rosa** (1910-1937): é autor de *Conversa de Botequim* e *Três Apitos*.

**Cartola** (1908-1980): *As Rosas não Falam* e *O Mundo é um Moinho*.

**Dorival Caymmi** (1914-2008): *O que é que a Baiana Tem* e *Samba da Minha Terra*.

**Adoniran Barbosa**, (1910-1982): *Trem das Onze* e *Saudosa Maloca*.

**Ciro Monteiro** (1913-1973): *Falsa Baiana*.

**Germano Matias** (1934-): *Guarda a Sandália Dela* e *Tristeza*.

**Ary Barroso** (1903-1964): cria o samba-exaltação - *Aquarela do Brasil*.

**Paulinho da Viola** (1942-): *Foi um Rio que Passou em Minha Vida*.

**Samba-enredo** – Estilo desenvolvido no Rio de Janeiro a partir dos anos 30, com o início dos desfiles oficiais de escola de samba.

**Samba-canção** – Gênero de samba que dá ênfase à melodia. De ritmo mais lento, suas letras são românticas e sentimentais, muitas vezes falando da "dor-de-cotovelo".

**Samba de partido alto** – Uma das formas mais antigas de samba. No início era restrito a compositores experientes – de "alto gabarito". As letras são improvisadas sobre temas do cotidiano. Renova sua força a partir dos anos 40, nos morros cariocas e nas quadras de escolas de samba.

**Pagode** – Nascido em São Paulo, o pagode parece com o samba de partido alto. É o chamado samba de fundo de quintal, muito comum também no Rio de Janeiro.



### **Trem das onze - Adoniran Barbosa**

Não posso ficar nem mais um minuto  
com você  
Sinto muito amor, mas não pode ser  
Moro em Jaçanã  
Se eu perder esse trem  
Que sai agora às onze horas  
Só amanhã de manhã  
Além disso, mulher, tem outra coisa  
Minha mãe não dorme enquanto eu não  
chegar  
Sou filho único, tenho minha casa pra  
olhar  
Não posso ficar

### **Aquarela do Brasil – Ary Barroso**

Brasil meu Brasil brasileiro  
Mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos  
Brasil, samba que dá  
Bamboleio, que faz gingar  
O Brasil do meu amor  
Terra de nosso Senhor  
Abre a cortina do passado  
Tira a mãe preta do cerrado  
Bota o Rei Congo no congado ...

### **Carinhoso – Pixinguinha**

Meu coração, não sei por quê  
Bate feliz quando te vê  
E os meus olhos ficam sorrindo  
E pelas ruas vão te seguindo  
Mas mesmo assim, foges de mim  
Ah, se tu soubesses  
Como eu sou tão carinhoso  
E o muito, muito que te quero  
E como é sincero o meu amor  
Eu sei que tu não fugirias mais de  
mim ...

## **BOSSA NOVA**

A expressão – que designa genericamente novo jeito de fazer alguma coisa – já era utilizada nos meios de músicos profissionais desde a década de 1940. No fim da década de 1950, nos bairros da zona sul no Rio de Janeiro RJ, grupos de rapazes e moças, que em maioria tocavam violão começaram a reunir-se com assiduidade em apartamentos ou casas, promovendo reuniões em que tocavam e cantavam músicas de determinados compositores e de si próprios. Dois deles, Carlos Lira e Roberto Menescal, fundaram uma academia de violão, que ajudava muito a divulgação das composições do grupo, geralmente de caráter intimista, com acordes semelhantes aos de certos músicos de jazz, sobretudo do guitarrista Barney Kessel, e dos arranjos do trompetista Shorty Rogers, ambos norte-americanos. Em julho de 1958, o então violonista João Gilberto – que, atuando alguns meses antes como músico no LP de Elisete Cardoso Canção do amor demais (marca a festa), empregara uma nova forma de acompanhamento rítmico – gravou o seu primeiro disco simples, na Odeon, cp, as músicas **Chega de Saudade** (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) e Bim-bom (João Gilberto). O resultado sonoro da combinação da voz de João Gilberto com seu acompanhamento de violão passou, a partir dessa gravação, a ser identificado como a forma bossa novo e foi absorvido por aqueles violonistas e cantores amadores, que continuavam a se reunir, já, porém, em clubes e centros acadêmicos. Após o sucesso do primeiro disco de João Gilberto e a gravação de seu primeiro LP *Chega de saudade* (Odeon)



em janeiro e fevereiro de 1959, juntaram-se os elementos amadores do primeiro grupo (Carlos Lira, Roberto Menescal, Ronaldo Boscoli, Nara Leão, os irmãos Castro Neves, Normando, Chico Feitosa, Luís Eça e outros) com os profissionais (João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Sílvia Teles, Alaíde Costa, Baden Powell e outros), apresentando-se em novos shows, denominados Festival de Samba Moderno ou Samba-Session ou Comando da Operação Bossa Nova, em auditórios de universidade e emissoras de rádio. A essa altura, a expressão bossa nova, utilizada inclusive na da composição Desafinado (Tom Jobim e Newton Mendonça), gravada por João Gilberto em seu segundo disco simples (novembro de 1958), já era conhecida como a designação para a música e os integrantes desses show. A partir daí, novos discos foram sendo editados, com a adesão de outros elementos, que se identificavam ou não com a bossa nova, ampliando consideravelmente o grupo e o sucesso da expressão, tornando-os conhecidos nacionalmente. Em novembro de 1962, realizou-se no Carnegie Hall, de New York, E.U.A., o primeiro Festival de Bossa Nova, motivando grande interesse de músicos de jazz pelas composições e interpretações de vários brasileiros, que passariam daí em diante a apresentar-se ou mesmo residir no exterior. A bossa nova tornou-se então conhecida mundialmente como música popular brasileira, permitindo a divulgação do ritmo, das composições e dos artistas brasileiros. Em vários países editaram-se discos brasileiros, gravaram-se outros, compuseram-se canções, inclusive com artistas locais. A partir dessa época, a inflamação da bossa nova gerou certo desgaste da expressão e da música, que foi perdendo suas características originais: o intimismo da interpretação, a harmonia repleta de acordes alterados, saltos melódico inesperados com frequente modulações, a economia de instrumentos e da duração ode cada música, a letra lírica e coloquial, e, acima de tudo, o leve ritmo quaternário com deslocamentos independentes da melodia, que era o dado mais marcante. Em 1990 o gênero recebeu novo impulso, principalmente a partir do lançamento do livro *Chega de saudade*, do jornalista Rui Castro. Sete anos depois, o livro foi relançado em edição de luxo, como brinde, acompanhado por CD duplo com seleção de músicas feita também por Rui Castro. Em janeiro de 1998 foram lançado pelo selo Albatroz (distribuição Paradoxx) cinco CDs de Bossa Nova: A trilogia *O amor, o sorriso e A flor*, com cantores como Peri Ribeiro, Tito Madi, Wanda Sá, entre outros; amigo da Bossa Nova com o cantor Sílvio César, e a bossa brasileira, com o conjunto Os Cariocas.

**Chega De Saudade - Antônio  
Carlos Jobim**

Vai minha tristeza  
E diz a ela que sem ela não pode  
ser  
Diz-lhe numa prece  
Que ela regresse  
Por que eu não posso mais sofrer  
Chega de saudade  
A realidade é que sem ela não há  
paz  
Não há beleza é só tristeza e a  
melancolia  
Que não sai de mim  
Não sai de mim, não sai  
Mas se ela voltar que coisa linda,  
que coisa louca  
Pois há menos peixinhos a nadar  
no mar  
Do que os beijinhos que eu darei  
na sua boca  
Dentro dos meus braços os  
abraços...

**Wave - Tom Jobim**

Vou te contar  
 Os olhos já não podem ver  
 Coisas que só o coração pode entender  
 Fundamental é mesmo o amor  
 É impossível ser feliz sozinho  
 O resto é mar  
 É tudo que não sei contar  
 São coisas lindas que eu tenho pra te dar  
 Vem de mansinho a brisa e me diz  
 É impossível ser feliz sozinho  
 Da primeira vez era a cidade  
 Da segunda o cais e a eternidade  
 Agora eu já sei  
 Da onda que se ergueu no mar  
 E das estrelas que esquecemos de contar  
 O amor se deixa surpreender  
 Enquanto a noite vem nos envolver

**Eu sei que vou te amar –Tom Jobim e Vinícius de Moraes**

Eu sei que vou te amar  
 Por toda a minha vida  
 Eu vou te amar  
 Em cada despedida eu vou te amar  
 Desesperadamente eu sei que vou te amar  
 E cada verso meu será pra te dizer  
 Que eu sei que vou te amar  
 Por toda minha vida  
 Eu sei que vou chorar  
 A cada ausência tua eu vou chorar  
 Mas cada volta tua há de apagar  
 O que esta ausência tua me causou  
 Eu sei que vou sofrer  
 A eterna desventura de viver  
 A espera de viver ao lado teu  
 Por toda a minha vida.  
 Eu sei que vou sofrer  
 A eterna desventura de viver  
 A espera de viver ao lado teu  
 Por toda a minha vida.